

SOBRE UMA AMIZADE

LUIZ COSTA LIMA

Para o amigo que fica, a morte apenas finca vazio e dor? A pergunta já terá sido feita inúmeras vezes, sem que alguma resposta tenha sido satisfatória. Não aprendemos melhor a esperá-la, pois a morte, nunca havendo sido segredo, nunca foi surpresa, muito menos algo que se apare. Que então dela extrai o eventual sobrevivente senão luto ou melancolia?

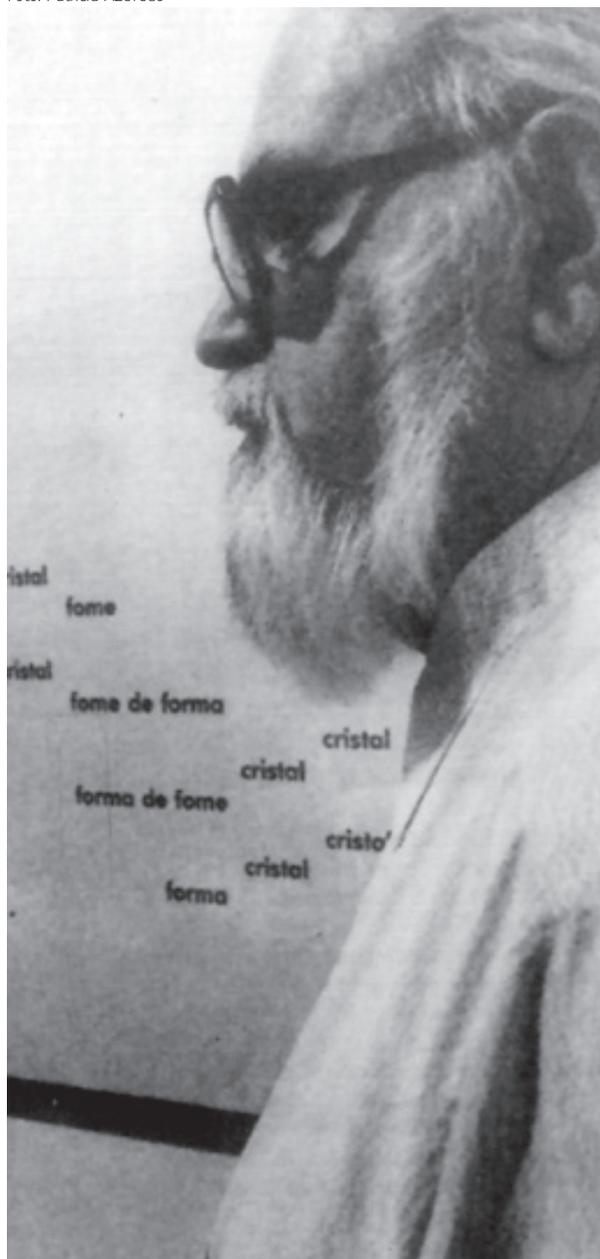
Se a resposta à morte é a melancolia, a mudança no sobrevivente será a diminuição do impulso de vida. Diminuímos a distância do que desapareceu, aproximando-nos da impassibilidade da outra margem. E a aproximação tem por preço tomar-se a vida como perturbação, corrida infrene, ruído de praça pública cedo destinado a poeira e nada. E se a amizade se nutriu do recíproco desejo de mudar um tanto da vida, então a

LUIZ COSTA LIMA

é professor de Literatura Comparada da Universidade do Rio de Janeiro e da PUC-Rio e autor de, entre outros, *Ignota. A Construção de Os Sertões* (Civilização Brasileira).

*Haroldo em
1993, junto ao
seu poema
“Cristal”*

Foto: Patricia Azevedo



letargia melancólica nos afasta do amigo. Recolhido em si, o melancólico se nega a amizade que, interrompida, motiva o estado de recusa à vida. Mas que adianta pensar o paradoxo se o estado melancólico não é uma decisão consciente? Sim, adianta algo: saber-mos que não é assim que cultuamos a amizade. Ao contrário, a concha melancólica, ao se retrair, se encerra *contra* o amigo. Se é verdade que a morte elimina a piedade, se ele pudesse nos ver não nos reconhecera.

Que então sucede com o outro estado, o de luto? Eis a catarse mortuária. Enquanto processo catártico, o luto impõe a vivência intensa do “terror e piedade”. É o enlutado que a sofre, entretanto a sofre pelo que não mais está em vida. O luto, pois, supõe a indistinção entre o que vive e o outro por quem é ele sofrido. Aparentemente equivalente à alternativa melancólica – ambos experimentam, para usar o verso de poeta que Haroldo e eu tanto admirávamos, a “maré baixa da faca” –, o estado de luto conjuga dor e tempo, estabelece uma duração para o sofrimento, ao fim do qual é possível a volta às alternativas da vida.

Antes que Freud nos ensinasse a distinguir melancolia e luto, Montaigne a concretizara. Desaparecido La

Boétie, seu amigo extremo, Montaigne pensara em resgatar sua memória e mostrar ao mundo o que o mundo perdera. Para isso, devia repor suas poucas obras em circulação. Não o conseguiu; alguém fora mais rápido e, com propósito mais imediato, frustrara seu esforço. Montaigne o faria de maneira que antes não havia cogitado; inscrevendo o vazio como centro de irradiação dos múltiplos capítulos do *Essais*.

Seria esta a maneira a se adotar diante da morte de Haroldo? Não digo a maneira aconselhável (!) a seus amigos, como se, no caso, alguém tivesse autoridade para produzir conselhos. Digo-o para mim mesmo. Mas crer no propósito seria confiar em demasia em nossas decisões; supor que temos o autodomínio bastante para nos dizer: na falta da palavra do amigo, de sua ajuda e estímulo, farei de nossa amizade a força para que prossiga contra a vida acomodatória. Mal a pronuncio, a frase ressoa tão falsa como fala de telenovela. Como a vida não pode ser traçada a régua e esquadro, apenas podemos prever que as atitudes que venhamos a tomar serão consonantes ou discordes com a amizade que nos ligou. Apenas, em raros instantes de lucidez, atinaremos se continuamos coerentes com a amizade que nos ligou. Muitas amizades cessam durante a vida. Não foi o nosso caso. Outras perduram além da morte. Só o dia-a-dia que se reserva ao sobrevivente dirá (aos outros) se uma amizade, isto é, um certo elo perante o mundo, se manteve no que ficou. Votos, juras, promessas nada significam. Nisso, a amizade é semelhante ao amor. Não são os seus arroubos, por mais veementemente se mostrem, que o declaram.

Não sei se isso é verdade quanto a toda amizade: ao saber da morte de Haroldo, tive a sensação de que não lhe dissera tudo o que lhe queria dizer. Lembro a inibição mais comum: amigo de pessoas com quem ele não se dava, muitas vezes tive a intenção de aproveitar um instante, de marcar uma conversa em que tentasse diminuir as arestas recíprocas. O que perderia se fracassasse? Mas nunca o fiz. Apenas quando escrevia sobre o objeto do conflito, não

escondia o que pensava sobre a matéria em litígio. Arriscava-me, assim, a perder a amizade das duas partes? Se assim não sucedeu foi porque uma e outra acataram a intervenção da terceira voz, a minha, menos mediadora do que enunciante de uma terceira posição. Mas isso não se dava por mérito meu senão que de Haroldo e seu(s) antagonista(s). A bem da verdade, devo acrescentar que tampouco foi sempre a compreensão das partes em questão o que sempre ocorreu. Noutros casos, passei a contar com a indiferença ou mesmo a hostilidade dos que passavam a me identificar como aliado dos concretos. E, então, pertencente ao bando dos “formalistas”, dos “alienados”, dos inimigos do “verso”. A posição de Haroldo foi sempre diferente. Hoje lamento que muito menos sobre isso jamais tenhamos falado. Temia eu que o “espírito de clã” tornasse inútil qualquer palavra? Mas se era comigo mesmo que sua atitude mostrava que não se deixava possuir pelo grupo a que lealmente pertencia? Minha dura cara-paça não se deixou quebrar.

Para mostrar sua largueza de espírito dou apenas dois exemplos – não haveria prova de largueza se não houvessem ocorrido situações em que ela podia deixar de se verificar. Em trecho de carta de 24 de junho de 1964, encontro a passagem que transcrevo: “[...] Usando da lealdade que deve presidir às relações entre amigos e companheiros, devo dizer-lhe, no meu nome e no de Augusto, que surpreendeu-nos e até mesmo chocou-nos a sua observação”. O contexto que dá sentido à frase é o seguinte: pouco antes, havia sido publicado em São Paulo a *Revisão de Sousândrade*, com colaboração minha e de Erthos de Souza. Aceitando observação de terceiro, eu reclamara a Haroldo que meu nome aparecesse como apêndice. Logo compreendi a injustiça do reparo. Apesar da tensão daqueles meses, imediatamente sucessivos ao golpe de 1964, e de que Haroldo soubesse que, no Recife, eu estava em um dos centros do inferno, ele me respondeu com firmeza e honestidade. Sem que então o soubesse, nossa amizade ali sobrevivia a seu primeiro choque. Não superestimo minha autocorreção. Nossa ami-

zade foi então ajudada pela presteza com que tanto Haroldo como Augusto haviam se solidarizado com a situação pela qual passava: logo depois do golpe, mesmo antes de ser preso, havia sido afastado do posto iniciante de professor universitário, em que ingressara há pouco mais de um ano. Recordo até hoje que Augusto de Campos subscritara carta sua, em que narrava as barbaridades da repressão em São Paulo e a cômica apreensão de livros como *Le Rouge et le Noir* e *A Capital*, dando por endereço a rua do Novo Éden, em alusão a uma das obras de Sousândrade.

Pois nossa relação se iniciara por Sousândrade e João Cabral. Fora este que, em Madri, entre fins de 1959 e 1960, me chamou a atenção sobre o concretismo. E mais: como encontrara um exemplar de *O Guesa* um pouco antes de seguir com uma bolsa para Madri e porque o livro me intrigava, o levava comigo, dele falara a João e o emprestara. João Cabral foi meu primeiro interlocutor na compreensão do poeta maranhense. Foi ele ainda quem me chamou a atenção para a primeira versão que os irmãos Campos publicaram, em 1960, na página do *Correio Paulistano*, sobre o raro poeta. É provável que, ao sair do Recife, já soubesse do grupo concreto, pois o suplemento dominical do *Jornal do Brasil* e os artigos de Mário Faustino eram leitura obrigatória para quem não tivesse uma visão convencional da literatura. Mas, na Espanha, só um João Cabral poderia ter-me alertado para a matéria do *Correio*. (Não recordo se ele a tinha ou apenas me informou a respeito.)

De volta ao Recife, em fins de 1961, iniciei a correspondência com Haroldo. Logo depois, indicado para secretário da revista da Universidade do Recife, *Estudos Universitários*, publiquei uma versão condensada do estudo dos Campos sobre Sousândrade. (Como, em minhas andanças, perdi a coleção dos quatro números que organizei, não sei se incluí a antologia do poeta, também publicada naquela página do *Correio*.) Só vim a conhecer Haroldo e Décio Pignatari pessoalmente em dezembro de 1962, durante o III Congresso de

Crítica e História Literária, realizado em João Pessoa. Trazendo-os de volta ao Recife, terá sido essa uma das poucas vezes em que convivemos.

Dou esses detalhes para que se compreenda o contexto em que se deu nossa primeira rusga, e a facilidade com que ela foi contornada. Mas todo o mérito foi de Haroldo. Apesar de que o golpe nos pusesse no mesmo transe, era ele um nome conhecido, enquanto eu não passava de um iniciante municipal. Que lhe teria custado afastar-se de um iniciante tão tosco?

Da segunda possibilidade de desavença, já não tenho elementos factuais. Lembro-me apenas que já no Rio, para onde me transferi em outubro de 1964, cassado pelo AI/1, fui convidado para escrever para uma revista portuguesa sobre a recente poesia brasileira. Fosse este ou não o tema preciso, o fato é que, no artigo, endossava a opinião de Antônio Houaiss, que considerava a prática concreta a mais abstrata de todas, pois a valorização do espaço da página retirava a palavra de seus nexos sintáticos. Publicado o artigo, a reação de Haroldo foi bem mais séria. Em artigo que também perdi e sem me nomear pessoalmente, acusava a observação como decorência de alguém que apenas se iniciava nos princípios da lingüística saussuriana. O ataque era duro porém justo. Sem que fosse preciso que nos falássemos, o estremecimento passou sem conseqüências.

Mais do que recordar detalhes ínfimos, me interessa acentuar que nossa amizade teve instantes, ainda que breves, de atrito. Talvez não tenham tido nenhuma importância porque cedo aprendemos a nos respeitar mutuamente. De minha parte, porque nele reconhecia uma figura correta, que defendia honestamente suas posições. Nisso, era eu ajudado por sua evidente inteligência crítica – um terreno que nos permitia dialogar, ainda quando não estivéssemos de pleno acordo. Da parte dele, aqui só posso conjecturar, talvez porque visse que, embora com motivos incorretos, defendia minha independência intelectual. Isso se tornaria evidente, mesmo para alguém acostumado a viver em sua carapaça, anos de-

pois, em 1972, quando fui a São Paulo, defender minha tese de doutorado. Conquanto possa crer por sua *Morfologia de Macunaíma* (1973), que, no debate entre Vladimir Propp e Lévi-Strauss, Haroldo optasse pelo método de análise de Propp, enquanto, em minha tese, eu tomava o estruturalismo lévi-straussiano como a base sobre a qual pretendia edificar uma teoria da literatura, entre os que compareceram para prestigiar minha defesa de tese, estava Haroldo. Para alguém completamente estranho à USP, que saíra de uma segunda prisão há umas poucas semanas, a presença de alguns alunos e amigos, que tinham vindo comigo do Rio, e de Haroldo, a quem nada comunicara, tornava menos áspero o contato com uma banca de examinadores que, pelos mais diferentes motivos, era hostil às minhas idéias. Lembro particularmente de escutar a voz de Haroldo ironizando um examinador que censurava eu haver escrito “decodificar” em vez de “descodificar”. (Haroldo dizia em altura suficiente: “vamos então dizer que o avião descola”.) (Não afirmo que os ataques que então recebia fossem do mesmo teor: minha tese tinha muitos defeitos.)

Como então se explica a forte amizade que nos ligava se os contatos eram raros, as explicações mútuas extremamente rarefeitas e diferentes os meios que freqüentávamos? Só posso especular por mim mesmo. A explicação que encontro não tem apoio factual, pois se baseia em fato que só vim a conhecer depois que o afeto já nos ligava. Na *Teoria da Poesia Concreta* (1965), a propósito do nome que os concretos se deram quando da fundação, em 1952, de seu grupo (*Noigandres*), encontro a seguinte passagem: “A palavra *Noigandres*, extraída (via Ezra Pound, Canto XX) de uma canção do trovador provençal Arnault Daniel, é um termo cujo significado nem os romanistas sabem precisar (‘Noigandres, eh Noigandres/ Now what the DEFFIL can that mean!’)”. Será arbitrário pensar que, para o iniciante que eu era, a vontade de aproximação resultava da força de indagação, de procurar saber o que não sabia, de não seguir simplesmente o que as metrôpo-

les já haviam decifrado e estabelecido? Esse instante libertário coincidia com o estado de espírito de uma parte da juventude prévia ao golpe de 1964. Mantivemo-nos, pois, amigos, durante os longos anos de repressão e nesse início do que poderá ser um tempo diferente, pois nos mantínhamos alertas para a exclamação: “What the DEFFIL can that mean!”. Nas décadas seguintes, até as vésperas de sua morte, sempre contei com seu estímulo. Lia o que eu publicava e, pelo telefone, conversávamos a respeito. Caberá a mim, ou melhor, a meus eventuais leitores, verificar se, sem a companhia de Haroldo, continuo digno do que nos ligou.

Neste depoimento, deixei implícita a admiração que tive e tenho por Haroldo de Campos como poeta, transcritor e ensaísta. Um pouco da importância que nele vejo ensejou o estudo que publiquei sobre seu *Galáxias*, em 1989, em *A Aguarrás do Tempo*. Não falei do que lhe devemos – neste país em que a atividade intelectual ou se justifica como respaldo para alguma posição político-partidária ou não é nada – por seu trabalho criador e pelo empenho com que se abria para as frentes mais inesperadas. Tampouco da lição de juventude intelectual que nos oferecia ao se entregar, com a colaboração de Trajano Vieira, à tradução da *Ilíada* (primeiro volume, 2001, segundo volume, 2002), quando sua saúde já era bastante precária.

Se algum dia a vida intelectual adquirir alguma dignidade neste país, Haroldo de Campos terá a circulação que, em vida, desconheceu. É essa ao menos uma esperança contra a tentação melancólica. O que já não posso esperar, o que está definitivamente perdido, é o desdobramento de nossa amizade. Como sei que Haroldo era uma figura expansiva, é a mim mesmo que acuso de que nossa relação se tenha restringido a questões intelectuais. Fomos amigos exclusivos da inteligência. Essa sempre posso reencontrar em suas muitas dezenas de textos. Mas e aquela figura solta, piadística, de palavra livre, gargalhada pronta e solidariedade à flor da pele? Dessa, eu não soube me aproximar.